

FRANCA



simpósio dos professores  
universitários de história

3 · 7 DE NOVEMBRO, 1965

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS  
DE FRANCA.

Associação dos Professores Universitários de História.

ANAIS .

FRANCA

1966

# AS FONTES PRIMÁRIAS DA HISTÓRIA: FONTES ARQUEOLÓGICAS CATARINENSES.

Walter F. Piazza (\*).

## I. -- AS FONTES PRIMÁRIAS.

### A Arqueologia como fonte histórica.

As classificações das fontes históricas e a sua definição precisam ser caracterizadas.

Podemos, desde logo, aceitar o dizer de **Bauer** (1952, p. 218) como definição: "tudo o que nos proporciona o material para a reconstrução da vida histórica". E, ainda, esclarece: "O conceito de fonte histórica não é alguma coisa de contornos perfeitamente desenhados".

Entretanto, o mesmo Autor, sentindo a imprecisão dos limites em que situou a proposição, tenta uma caracterização da fonte histórica: "da escôlha do objeto a focalizar e do estado da investigação em que, no momento, encontra-se a ciência e, desde logo, não somente da ciência histórica, mas, também, das demais ciências".

Mas, aceitamos outra caracterização de fonte histórica, mais simples, mais objetiva: "Com a imagem de fonte se exprime, além disso, mais acertadamente, que ela não é objeto, mas meio de conhecimento" (**Rodrigues**, 1949, p. 123, apud **Bauer**).

Esta caracterização é imprescindível para que se situem as fontes históricas primárias.

O mesmo **Bauer** (1952, p. 221) diz que são fontes primárias os fatos geográficos, corporais (físicos), da vida prática, de ordem volitiva e das faculdades intelectuais ou seja, como fatos corporais (físicos) os restos ósseos pelos quais se possa reconstituir o tipo humano, os fatos da vida prática, aquêles que mostram as armas, os utensílios, os objetos de adorno, de fatos de ordem volitiva que são os objetos rituais e os ritos que possam reconstituir as crenças.

(\*) . — Professor de História da América da Faculdade de Filosofia da Universidade de Santa Catarina.

Veremos, pois, adiante, que a Arqueologia inclui-se como fonte primária da História, por estar envolvida pelos fatos fundamentais, acima enumerados.

A Arqueologia, de acôrdo com a **Encyclopaedia of Social Sciences** (vol. I, p. 163) é, “por etimologia o estudo das coisas, tem a reconstrução por objeto”, o que é muito superficial.

Desta forma não é a definição que nos serve, pois, a Arqueologia, tem sofrido um evoluir amplo, a partir da mais remota Antigüidade, quando começou a ser praticada empiricamente, pelo prazer do “coleccionismo”, até os dias atuais, quando se situa em grandes e intensas relações interdisciplinares.

E’, através dessas relações interdisciplinares que melhor se tem apresentado a Arqueologia, como disciplina científica, base da História, na sua mais antiga fase, a Pré-História.

O conceito de **Bauer** (1952, p. 326), quando, ao se referir à Arqueologia, diz: “Além disso a índole da investigação e da técnica de conhecimentos tão especiais de impossível inclusão nos domínios da Historiologia pròpriamente dita, de tal forma que a Ciência da Antigüidade converteu-se numa disciplina independente”, leva-nos à reflexão!

Não se tornou, evidentemente, uma disciplina independente, na extensão ampla do têrmo. Faz-se por ser independente, mas está, hoje, mais do que antes, prêsa e complementada por outros estudos científicos.

Esta ordem de idéias pode ser interrelacionada com uma outra, onde se define o arqueólogo: “... é aquêle que estuda o material recolhido com objetivo de obter fatos históricos, e pode trabalhar em qualquer período, desde o paleolítico superior das cavernas até o último medieval das catedrais góticas ou a arqueologia das ferrovias abandonadas do fim do século XIX” (**Daniel**, 1964, p. 13).

Se fôr considerado o trabalho arqueológico — quer em sua fase de campo, quer em sua fase de laboratório —, talvez estas definições e o seu contexto não se adaptem à realidade.

Entretanto, o desenrolar do trabalho arqueológico fala melhor.

O trabalho arqueológico, como todo trabalho científico, desenvolve-se em três fases: o planejamento, a execução e a análise.

O planejamento é semelhante ao de qualquer tipo de pesquisa científica, envolvendo as possibilidades de pessoal, material e recursos, as condições ambientais do sítio e os métodos e as técnicas que devam ser empregadas.

A execução é a fase central do trabalho arqueológico. Ela pode ser efetuada de várias formas, tendo em vista os objetivos que se pretende alcançar e é definida no planejamento global.

E' o que, comumente, se chama de "trabalho-de-campo". Este trabalho pode ser efetuado quer como "levantamento" — isto é de simples localização geográfica do sítio arqueológico, com a anotação das suas características extrínsecas, isolado ou dentro de uma área pré-determinada —, quer como "prospecção" — não só a localização, mas, já estendendo o trabalho para a escavação de um pequeno corte, de 1 x 1 m. ou 2 x 2 m., para conhecimento de suas características intrínsecas —, quer como "trincheira-teste" — ou seja o seccionamento de um sítio arqueológico através de um perfil transversal —, ou quer, ainda, como "escavação" — trabalho sistemático num sítio arqueológico para conhecimento total das suas características intrínsecas, nas suas estruturas verticais e horizontais.

Estas formas de "trabalho-de-campo" estão condicionadas às condições de pessoal, material e financiamento, obviamente.

Passa-se, após concluído o "trabalho-de-campo", qualquer que seja a forma adotada, ao trabalho de laboratório: a análise dos restos arqueológicos.

E' para os estudos de laboratório que se limpam, convenientemente, os restos ósseos, os materiais líticos e cerâmicos, passando-se, depois, a numerá-los, a catalogá-los, a estudá-los. Os restos ósseos humanos servem para reconstituir os tipos físicos e determinar pela sua posição, *in situ*, as formas de enterramento, secundário ou primário, indicativo do tratamento diferenciado dos mortos, levando-nos à considerações de ordem cultural. Os materiais líticos e cerâmicos, através de suas tipologias, conduzem-nos ao estabelecimento de uma cronologia relativa ao estágio cultural dos habitantes da área em estudo e, também, podem levar-nos a estabelecer a possibilidade de contatos ou trocas culturais entre vários sítios pré-históricos.

Estamos, assim, pois, diante de "fontes primárias" da História.

Essas "fontes" associadas a outros elementos, como o estudo dos sedimentos — sedimentos geológicos e pólen —, dos carvões — datações pelo Carbono 14 —, dos restos paleontológicos — animais ou humanos —, conduzem-nos a estudos interdisciplinares e concluem no estabelecimento de uma reconstituição ambiental e cultural pré-histórica, aliada ao estabele-

cimento de uma cronologia (**Laming-Empeaire**, 1952; 1963; **Butzer**, 1964).

Finalizando êste retrospecto sôbre os estudos de laboratório vale dizer uma última palavra sôbre a estruturação da reconstituição, o que se processa em duas coordenadas: uma vertical e outra horizontal.

Se a coordenada vertical indica o estudo comparativo do desenvolvimento cultural havido num único sítio, através dos seus vários estratos, a coordenada horizontal significa o estudo comparativo de vários sítios arqueológicos no mesmo momento histórico (**Meggers e Evans**; 1956, 1958 a, 1958 b; **Laming-Empeaire**, 1952, 1963).

Dentro desta ordem de pensamento são os sítios arqueológicos considerados, por alguns Autores, como “monumentos”, inequivocamente, “fontes primárias de História”, e, por isto mesmo, mereceram o nosso estudo e como sua complementação deve ser focalizada a literatura que trata tais sítios arqueológicos. dos seus restos e as análises de que têm sido objeto, bem como as coleções museológicas que se têm formado em razão do trabalho arqueológico.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA:

- BAUER (Wilhelm). — 1952 — “**Introducción al estudio de la historia**”, Editorial Bosch, Barcelona, 2.a ed., 626 págs.
- BERNAL (Ignacio). — 1952 — “**Introducción a la arqueologia**”, ed. Fondo de Cultura Economica, México, 165 págs.
- BUTZER (Karl W.). — 1964 — “**Environment and archeology**”, ed. Aldine, Chicago, 524 págs.
- DAUX (Georges). — 1958 — “**Les étapes de l'archéologie**”, Presses Universitaires de France, Paris, 128 págs.
- DANIEL (Glyn). — 1964 — “**Introdução à Pré-História**”, Zahar Editôres, Rio de Janeiro, 158 págs.
- ENCYCLOPAEDIA OF THE SOCIAL SCIENCES. — 1948 — The Macmillan Company, New York, 6 vols.
- FORD (James A.). — 1962 — “**Metodo cuantitativo para establecer cronologias culturales**”, Manuales Tecnicos III, Union Panamericana, Washington, 122 págs.
- LAMING-EMPERAIRE (A.). — 1952 — “**Le Découverte du Passé**”, Éditions A. et J. Picard & Cie., Paris, 363 págs.
- 1963 — “**L'Archeologie préhistorique**”, Éditions du Seuil, Paris, 189 págs.
- MEGGERS (Betty) e EVANS (Clifford). — 1956 — “**The reconstruction of settlement pattern in the South American Tropical Forest**”, in “**Prehistoric Settlement Patterns in the New World**”, ed. by Gordon R. Willey, New York, pp. 156-164, 2 figuras.

- 1958a — “O emprêgo do método comparativo na interpretação arqueológica”, *Revista Sociologia*, São Paulo, vol. XX, n.º 3, agosto de 1958, págs. 397-409.
- 1958b — “A identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas” separata dos Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, vol. XLVI, págs. 9-33, 4 estampas, bibliografia.
- RODRIGUES (José Honório). — 1949 — “Teoria da História do Brasil”, Instituto Progresso Editorial, São Paulo, 357 págs.
- WHEELER (M.). — 1961 — “Arqueologia de campo”, Fondo de Cultura Economica, México, 270 págs.

\*

## II. — AS FONTES ARQUEOLÓGICAS CATARINENSES.

### 1. — Os estudos preliminares.

Os estudos de pré-história em Santa Catarina — contribuição, portanto, para a elucidação dos tempos pré-históricos do Brasil — têm raízes em três trabalhos pioneiros: o do Conde de La Hure, o de Luther Wagonner e o de Charles Wiener.

O primeiro, tendo como cenário a área de São Francisco do Sul, o segundo, na sua qualidade de membro da Comissão Geológica do Império do Brasil sob a chefia do grande geólogo e naturalista americano Charles Frederik Hartt (1876-1877), na área de Laguna, e o terceiro, como naturalista do Museu Nacional do Rio de Janeiro, percorrendo as porções norte e central do litoral de Santa Catarina.

Dêstes trabalhos pioneiros, sòmente, o de Charles Wiener teve uma divulgação conveniente. Os demais não tiveram, ainda, a devida apreciação.

Desde então, têm sido esporádicas as pesquisas arqueológicas, e, em geral, sem fundamentação científica, mero espírito de aventura e por puro colecionismo.

Um ou outro trabalho de mais mérito teve lugar, em época posterior.

Na década de 1910-1920 o trabalho de coleta de restos humanos dos “sambaquis” catarinenses, do litoral de São Francisco do Sul, foi efetuado pelo médico Dr. Luiz Gualberto e, na mesma época, pelo mesmo tipo de achados, desta vez em grutas do planalto catarinense, se dedicou o médico Dr. Jorge Clark Bleyer.

Por volta de 1948, iniciam-se as pesquisas do geólogo Dr. João José Bigarella e seus colaboradores — entre êstes mere-

cem referência especial o sr. Guilherme Tiburtius e a sra. Iris Koehler Bigarella — em torno dos “sambaquí” de Santa Catarina, notadamente do litoral norte do Estado.

Pouco depois iniciam-se as escavações sistemáticas do Prof. Luiz de Castro Faria, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, no “sambaquí” de Cabeçuda (Laguna).

Simultaneamente, o Pe. Inácio Schmitz S. J. realiza o estudo da cerâmica pré-histórica de Santa Catarina e investiga um sítio habitacional do vale do rio Uruguai (Sede Capela, Itapiranga).

Logo depois, Alan Lyle Bryan, arqueólogo norte-americano, desenvolve escavações sistemáticas no “sambaquí” do Forte (Forte Marechal Luz, São Francisco do Sul), cujos dados divulgados fornecem a primeira datação pelo método do Carbono 14 de um sítio pré-histórico de Santa Catarina:  $1700 \pm 130$  a.C. a  $1340 \pm 100$  da era cristã.

E, finalmente, a partir de 1957, o Pe. João Alfredo Rohr S. J., inicia uma série de prospecções na Ilha de Santa Catarina, e, em 1962, dá nova orientação aos seus estudos.

Mas, a partir de 1962, com a promulgação da Lei federal n.º 3.924, de proteção aos sítios arqueológicos, dá-se nova vitalidade às pesquisas pré-históricas.

## 2. — Organização atual das pesquisas e do ensino.

A pesquisa arqueológica foi, até 1962, realizada sem um plano e sem fundamento científico.

A partir de então, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Santa Catarina, através da sua Cadeira de Antropologia e a partir de 1964, em colaboração com a Cadeira de História da América sob a responsabilidade do Autor destas notas, vem desenvolvendo os estudos para a efetivação de plano-de-pesquisa, constando de:

- a). — Levantamento dos sítios arqueológicos — (em realização) (1);
- b). — Elaboração, concomitantemente, da Carta Arqueológica do Estado (também, em realização);

---

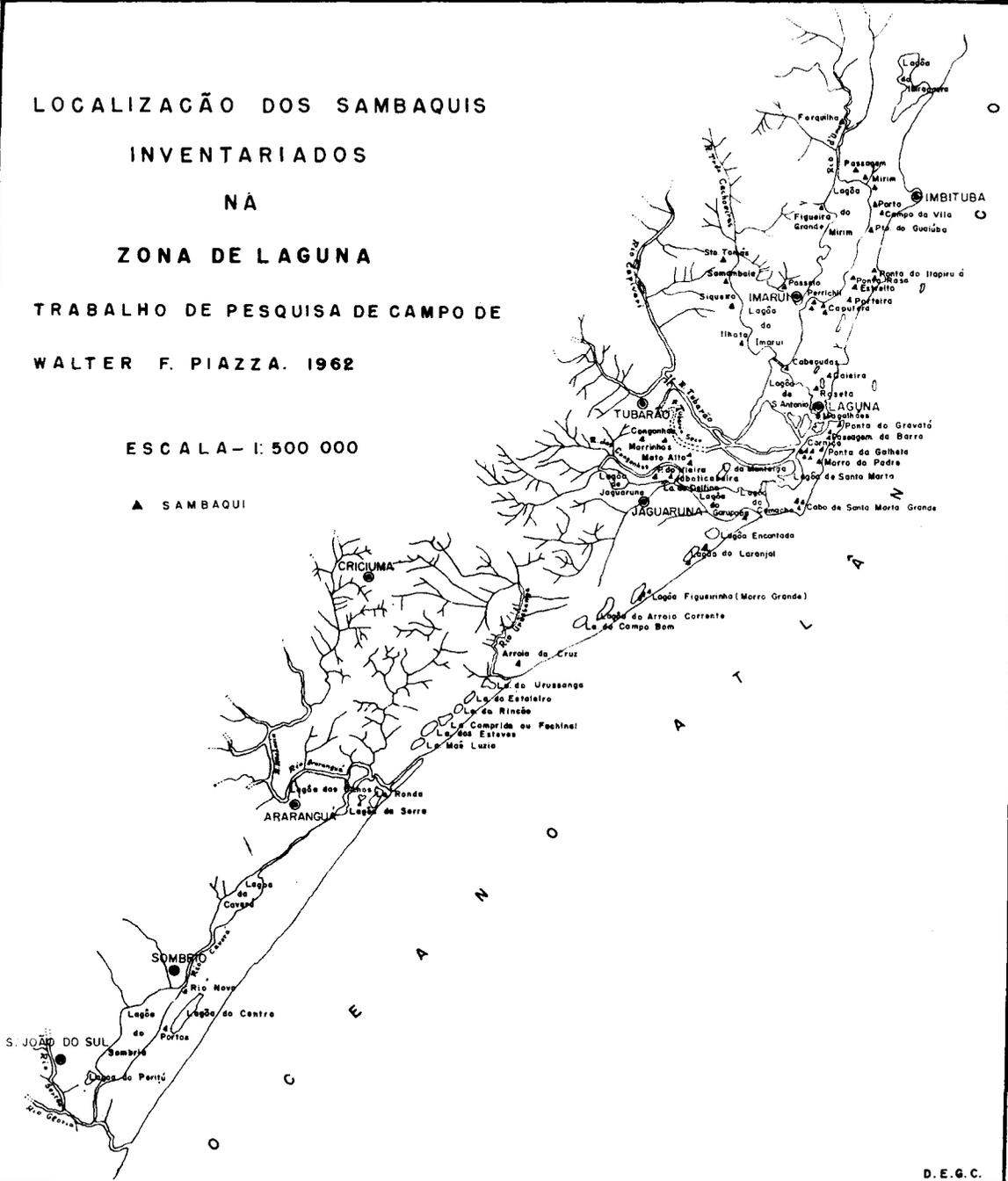
(1). — Trabalhos concernentes a este item:

- Levantamento dos sambaquí da Região do Sul do Estado (Zona de Laguna);
- Levantamento de gruta no município de Rio Negrinho (abriga Rückl);
- Levantamento de sítios arqueológicos nos municípios de São Joaquim e Urubici;
- Levantamento dos sítios arqueológicos do Litoral norte do Estado.

LOCALIZAÇÃO DOS SAMBAQUIS  
 INVENTARIADOS  
 NA  
 ZONA DE LAGUNA  
 TRABALHO DE PESQUISA DE CAMPO DE  
 WALTER F. PIAZZA. 1962

ESCALA - 1:500 000

▲ SAMBAQUI



D. E. G. C.

Des. Walter J. Barcelos

- c). — Escavações sistemáticas em sítios arqueológicos (2) e prospecção em todos os sítios cadastrados.

Antecipando ao trabalho prático, semanalmente, são realizadas aulas teóricas de Arqueologia, abrangendo, em especial, os métodos e técnicas de pesquisa arqueológica, processos de datação e de análise do material arqueológico e técnica da reconstituição histórica.

Em 1965, a Universidade de Santa Catarina criou um Instituto de Antropologia, com autonomia científica, que se dedicará aos programas de pesquisas arqueológicas.

### 3. — Os principais sítios arqueológicos.

Até agora foram encontrados e estudados, em Santa Catarina, sítios arqueológicos destes tipos:

- a). — Sambaquís;
- b). — Grutas;
- c). — Inscricões rupestres;
- d). — Sítios cerâmicos.

No litoral tem-se encontrado de todos estes tipos de sítios. Já, no planalto, foram assinalados os três últimos tipos, sem que haja, entretanto, um estudo sistemático deles.

Vejamos, pois as duas áreas — planalto e litoral.

#### a). — Do planalto.

As pesquisas no planalto se referem às grutas visitadas pelo **Dr. Jorge C. Bleyer**, e, também, a um sítio cerâmico, de origem guaraní, prospectado pelo **Pe. Inácio Schmitz S. J.**, em 1958, no Município de Itapiranga. E, finalmente, em 1962 — novembro — visitamos e fizemos uma pequena trincheira-teste num abrigo sob rocha, na localidade de Cêrro Azul, município de Rio Negrinho, onde colhemos ossadas humanas e conchas fluviais: assinalámo-la como “Abrigo Rückl”, em homenagem ao proprietário das terras onde se encontra.

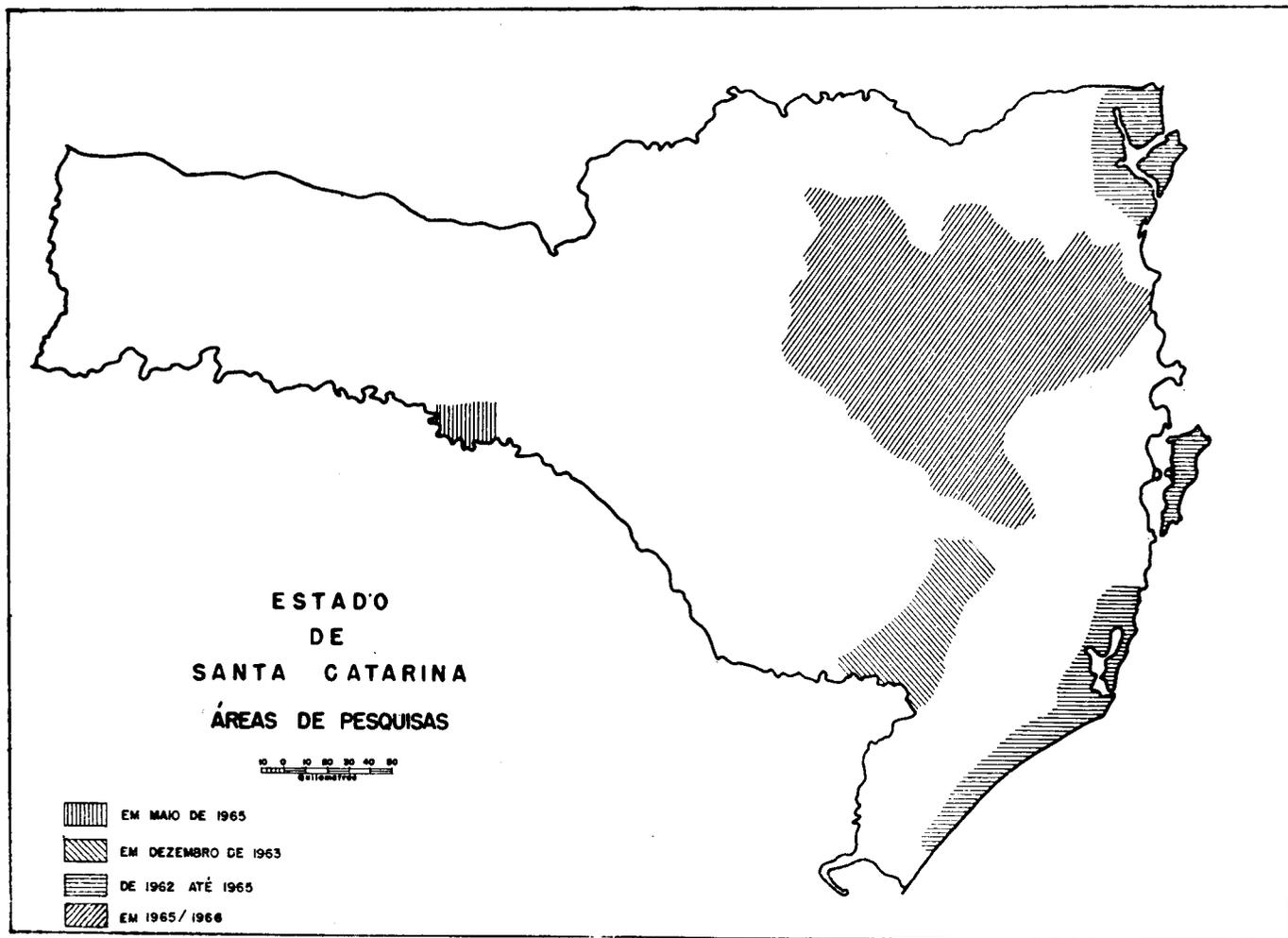
O planalto de Santa Catarina é, ainda, um campo virgem às pesquisas arqueológicas. Na região de São Joaquim-Urubicé, em 1963, confirmamos alguns dados coletados pelo **Dr. Jorge C. Bleyer**, nas grutas de Invernada do Moleque, Rio dos Altos, Casa de Pedra, Santa Bárbara, Rio Lavatudo e Vacas Gordas.

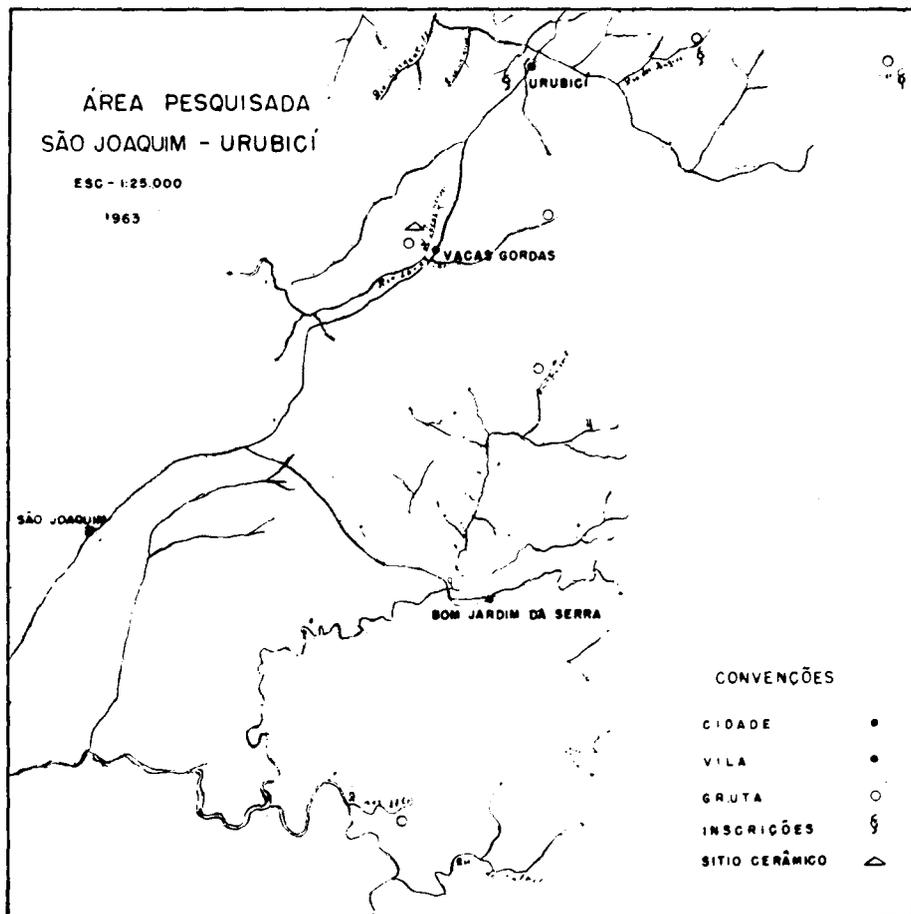
Quanto às inscrições rupestres do planalto são assinaladas três: uma em Lageado Angico, município de Mondai, e duas no município de Canoinhas, que não tivemos, ainda, oportunidade de analisar.

---

#### (2). — Trabalhos realizados:

- PA 1.62 — Sambaquí de Ponta das Almas (Lagoa, Florianópolis);
- RT 1.64 — Sítio cerâmico de Rio Tavares (Florianópolis);
- EI 2.64 — Sambaquí de Espinheiros I (Joinville).





Entretanto, na região de São Joaquim-Urubicí coletamos material referente às existentes no Morro do Avencal e nas grutas do Rio dos Bugres e da Casa de Pedra.

Além daquêle sítio cerâmico, já referido, existente no município de Itapiranga, na localidade de Sede Capela, temos, também, material cerâmico colhido às margens do rio Vacas Gordas, no município de Urubicí e nas margens dos rios do Peixe e Uruguai, nos municípios de Ipira e Piratuba.

a). — **Do litoral.**

No aspecto físico do litoral catarinense podemos distribuir os sambaquís em quatro áreas, aceitando a proposição de **Leonardos** que, assim, o divide:

1. — litoral de São Francisco;
2. — litoral de Itajaí;
3. — litoral de Florianópolis;
4. — litoral de Laguna.

Desta forma, com base em informações prestadas por funcionários da rede nacional de estatística, através da Inspetoria Regional de Estatística Municipal, anotamos as localizações dos sambaquís, o que complementamos e cotejamos com os apontados na bibliografia especializada.

Dêsse trabalho resultam as relações referentes aos litorais de São Francisco, Itajaí e Florianópolis e Laguna, apoiados nos trabalhos de campo de **Bigarella, Tiburtius, Rohr** e nosso.

O litoral de Lagune foi inventariado, nos seus sambaquís, com o escopo de fazer cumprir a Lei Federal n.º 3.924, de 26 de julho de 1961, que dispõe os sítios arqueológicos e monumentos pré-históricos, com levantamento iniciado a 13 de fevereiro e concluído a 1.º de maio, tudo de 1962; o litoral de Florianópolis foi inventariado, concomitantemente, em 1962; e o litoral de São Francisco do Sul iniciado em agosto de 1964 e, ainda, não totalmente concluído.

São êstes os sítios arqueológicos existentes no litoral de Santa Catarina, alguns bastantes arrasados, outros em fase de exploração econômica e outros, ainda, preservados, felizmente, para os estudos arqueológicos.

1. — **Litoral de São Francisco.**

Nesta área encontram-se sambaquís nos municípios de São Francisco do Sul, Garuva, Joinville, Araquarí e Barra Velha.







Por município, estão, dêste modo, distribuidos os Sambaquis conhecidos nesta área.

#### **Município de São Francisco do Sul.**

1. — Enseada I.
2. — Enseada II.
3. — Pôrto do Rei I (n.º 34 de **Bigarella**).
4. — Iperoba.
5. — Pôrto do Rei II (n.º 35 **Bigarella**).
6. — Linguado (n.º 27 de **Bigarella**).
7. — Moretinha (n.º 28 de **Bigarella**).
8. — Linguado (n.º 26 de **Bigarella**).
9. — Rio Ribeira I (n.º 25 de **Bigarella**).
10. — Gambôa I (n.º 29 de **Bigarella**).
11. — Rio Ribeira II.
12. — Gambôa II (n.º 30 de **Bigarella**).
13. — Gambôa III (n.º 31 de **Bigarella**).
14. — Gambôa IV (n.º 32 de **Bigarella**).
15. — Gambôa V (n.º 33 de **Bigarella**).
16. — Bupeva I (n.º 36 de **Bigarella**).
17. — Bupeva II (n.º 37 de **Bigarella**).
18. — Bupeva III (n.º 38 de **Bigarella**).
19. — Bupeva IV (n.º 39 de **Bigarella**).
20. — Forte Marechal Luz (n.º 18 de **Tiburtius**).
21. — Edgar Tiburtius (n.º 17 de **Tiburtius**).
22. — Bezerra (cit. por **Castro Faria**).
23. — Rocio Pequeno (cit. por **Castro Faria**).
24. — Capivarú I.
25. — Capivarú II.

#### **Município de Joinville.**

1. — Cubatãozinho (n.º 40 de **Bigarella** e n.º 6 de **Tiburtius**).
2. — Espinheiros I.
3. — Ilha dos Espinheiros I.
4. — Morro de Ouro (n.º 41 de **Bigarella** e n.º 7 de **Tiburtius**).
5. — Espinheiros II.
6. — Cubatão I.
7. — Rio Velho I (n.º 43 de **Bigarella**).
8. — Rio Velho II (n.º 44 de **Bigarella**).
9. — Guanabara.
10. — Ilha dos Espinheiros II.
11. — Ilha do Riacho.

12. — Ilha dos Espinheiros III (Iririu-mirim).
13. — Cubatão II.
14. — Cubatão III.
15. — Ilha do Gado I.
16. — Ilha do Gado II.
17. — Rua Guaira.
18. — Itacoára (n.º 5 de **Tiburtius**).
19. — Coatí.

### **Município de Araquari (incluindo Barra Velha).**

1. — Areias Pequenas (n.º 1 de **Bigarella** e n.º 8 de **Tiburtius**).
2. — Pernambuco (n.º 2 de **Bigarella**).
3. — Areias Grandes (n.º 3 de **Bigarella** e n.º 9 de **Tiburtius**).
4. — Cacuruçu I (n.º 4 de **Bigarella**).
5. — Cacuruçu II (n.º 5 de **Bigarella**).
6. — Cacuruçu III (n.º 6 de **Bigarella**).
7. — Rio Pinheiros I (n.º 7 de **Bigarella** e n.º 11 de **Tiburtius**).
8. — Rio Pinheiros II (n.º 8 de **Bigarella** e n.º 12 de **Tiburtius**).
9. — Conquista (n.º 9 de **Bigarella** e n.º 10 de **Tiburtius**).
10. — Rio Pinheiros III (n.º 10 de **Bigarella**).
11. — Costeira (n.º 11 de **Bigarella**).
12. — Barra do Sul (n.º 12 de **Bigarella** e n.º 14 de **Tiburtius**).
13. — Rio Perequê (n.º 13 de **Bigarella**).
14. — Pôrto Grande (n.º 14 de **Bigarella**).
15. — Rio Paratí I (n.º 15 de **Bigarella**).
16. — Rio Paratí II (n.º 16 de **Bigarella**).
17. — Rio Paratí III (n.º 17 de **Bigarella**).
18. — Rio Paratí IV ou Gambôa Grande (n.º 18 de **Bigarella**).
19. — Rio Paratí V (n.º 18 de **Bigarella**).
20. — Rio Paratí VI ou Rio do Morro I (n.º 20 de **Bigarella**).
21. — Rio Paratí VII ou do Morro II (n.º 21 de **Bigarella**).
22. — Rio Paratí VIII ou do Morro III (n.º 22 de **Bigarella**).
23. — Ilha dos Barcos I (n.º 23 de **Bigarella**).
24. — Ilha dos Barcos II (n.º 24 de **Bigarella**).
25. — Paranaguámirim.
26. — Ilha do Mel.

### **2. — Litoral de Itajaí.**

Na área do Litoral de Itajaí, hoje somente, se encontram sambaquis bem danificados pela ação humana no município de Ilhota e o são em número de 3.

**Município de Ilhota.**

1. — Rio Baú (cit. por Wiener).
2. — Barranco Alto.
3. — Boa Vista.

3. — **Litoral de Florianópolis.**

Na área do litoral de Florianópolis somente em 3 municípios — os de Pôrto Belo, Ganchos e Florianópolis — localizamos sambaquís e êstes num total de 42, assim distribuidos:

**Município de Pôrto Belo.**

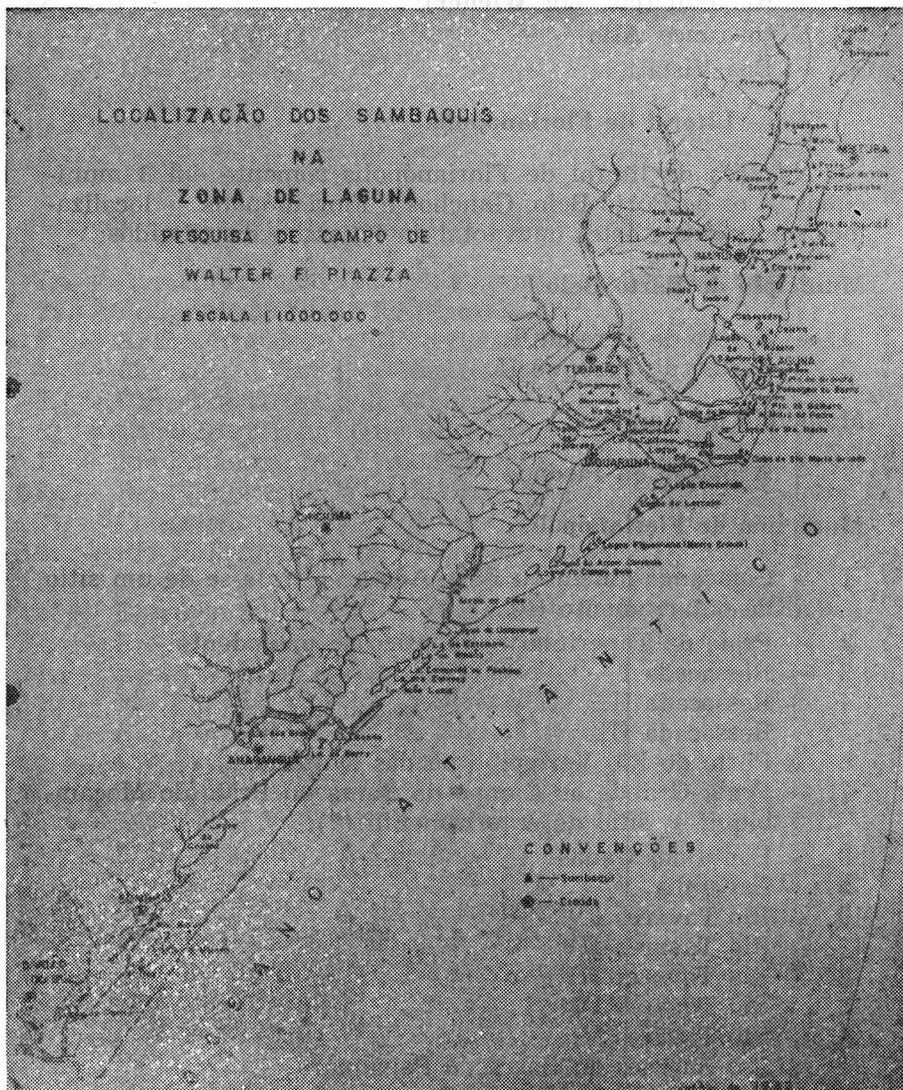
1. — Sertão de Perequê I.
2. — Sertão de Perequê II.

**Município de Ganchos.**

1. — Armação da Piedade.

**Município de Florianópolis.**

1. — Caiacanga-mirim ou Base Aérea — trata-se de um sítio de enterramento (?).
2. — Praia da Taperinha — idêntico ao precedente.
3. — Ressacada I.
4. — Ressacada II.
5. — Ressacada III.
6. — Pôrto do Rio Vermelho ou das Quitérias.
7. — Praia Grande ou Campo da Barra ou Praia do Moçambique — sítio de enterramento (?).
8. — Ponta das Canas.
9. — Lagoinha.
10. — Rio Tavares I.
11. — Rio Tavares II.
12. — Rio Tavares III.
13. — Rio Tavares IV.
14. — Rio Tavares V.
15. — Rio Ratores ou Barra do Papaquara.
16. — Canasvieiras ou Rio do Braz.
17. — Campo da Corôa.
18. — Ilha do Arvoredo.
19. — Ilha do Francês.
20. — Vargem do Bom Jesus.



21. — Morro das Aranhas.
22. — Morro do Cemitério do Pântano do Sul.
23. — Praia do Pântano do Sul.
24. — Ponta dos Martins.
25. — Campo do Casqueiro.
26. — Mato do Pilão.
27. — Barra do Rio ou Ponta da Vigia.
28. — Barra Esquerda do Rio I.
29. — Barra Esquerda do Rio II.
30. — Pôsto ou Casqueiro da Picada.
31. — Fortaleza.
32. — Ponta das Almas.
33. — Casqueiro do Mato Alto.
34. — Lagoa.
35. — Canto da Lagoa I.
36. — Canto da Lagoa II.
37. — Canto da Lagoa III.
38. — Canto da Lagoa IV.

#### 4. — Litoral de Laguna.

Nesta área — a do litoral de Laguna — encontramos sambaquís em 7 municípios — os de Imbituba, Imaruí, Laguna, Tubarão, Jaguaruna, Araranguá e Sombrio — num total de 55, distribuídos como adiante se vê:

##### **Município de Imbituba.**

1. — Mirim I.
2. — Mirim II.
3. — Campo da Vila.
4. — Pôrto da Vila.
5. — Ponta da Guaiúba.
6. — Ponta Rasa — trata-se de um sítio de acampamento (?).
7. — Itapirubá I.
8. — Itapirubá II.

##### **Município de Imaruí.**

1. — Passagem do Rio d'Una.
2. — Forquilha do Rio d'Una.
3. — Figueira Grande.
4. — Passeio Jerônimo Coelho.
5. — Samambaia I ou Santo Tomás.

6. — Samambaia II.
7. — Siqueiro.

**Município de Laguna.**

1. — Ilhota.
2. — Porteira.
3. — Estreito.
4. — Caputera I.
5. — Caputera II.
6. — Perrichil I.
7. — Perrichil II.
8. — Cabeçadas.
9. — Morro da Roseta.
10. — Magalhães.
11. — Caieira.
12. — Passagem da Barra I.
13. — Passagem da Barra II.
14. — Ponta do Gravatá.
15. — Morro do Padre.
16. — Ponta da Galheta.
17. — Carniça I.
18. — Carniça II.
19. — Carniça III.
20. — Carniça IV.
21. — Carniça V.
22. — Cabo de Santa Marta Grande I.
23. — Cabo de Santa Marta Grande II.
24. — Cabo de Santa Marta Grande III.

**Município de Tubarão.**

1. — Congonhas.
2. — Morrinhos.
3. — Mato Alto I.
4. — Mato Alto II.

**Município de Jaguaruna.**

1. — Garopaba.
2. — Laranjal I.
3. — Laranjal II.
4. — Mórro Grande I ou Figueirinha.
5. — Mórro Grande II.
6. — Mórro Grande III.

7. — Jaboticabeira.
8. — Pôrto Vieira.
9. — Arróio da Cruz.

#### **Município de Araranguá.**

1. — Lagoa dos Bichos — trata-se de um sítio de acampamento (?).

#### **Município de Sombrio.**

1. — Rio Novo.
2. — Portos.

Assim, nas quatro áreas em que dividimos o litoral catarinense temos anotados 181 sambaquís.

Resta, evidentemente, uma revisão nas áreas dos litorais de Florianópolis, Itajaí e São Francisco, diante da qual êste número poderá, ainda, ser alterado.

#### **Grutas.**

As grutas existentes no litoral de Santa Catarina não estão, ainda levantadas e estudadas.

#### **Inscrições rupestres.**

As inscrições rupestres do litoral de Santa Catarina são as de:

- Praia do Santinho (cinco grupos) — estudada em 1963.
- Ilha do Campeche.
- Ilha do Arvoredo.
- Ilha do Coral.
- Ilha João da Cunha (Pôrto Belo).

#### **Sítios cerâmicos.**

No Canto Grande dos Zimbros, no município de Pôrto Belo, foi assinalado um sítio cerâmico, encontrando-se, ali, grande número de urnas funerárias. Esta jazida não foi, felizmente, totalmente destruída.

O de Rio Tavares, na Ilha de Santa Catarina, cadastrado e prospectado em 1964 (pelo autor), onde se recolheu farto material e cujo estudo prosseguiu em 1965.

O de Poço Grande, no município de Joinville, na confluência dos rios Poço Grande e Pirai, onde se coletou material cerâmico, em 1965.

Encontram-se no litoral catarinense, ainda, vários sítios cerâmicos, ainda não devidamente identificados e cadastrados.

### **Coleções arqueológicas.**

As coleções arqueológicas existentes no Estado de Santa Catarina, são de pequena monta e de valor discutível.

1. — **O Museu Nacional de Imigração e Colonização**, subordinado à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, localizado no “Palácio dos Príncipes”, na cidade de Joinville, apesar de ser um museu histórico, predominantemente regional, possui atualmente e desde 1963, em seu acervo, a “Coleção Tiburtius”. Esta coleção, formada pelo Sr. Guilherme Tiburtius, foi organizada com material recolhido em sítios arqueológicos de Santa Catarina — notadamente dos municípios de Joinville e de São Francisco — e do Estado do Paraná.

Todo o material está devidamente numerado, sendo, agora, pelo seu organizador, catalogado, apontando-se, sempre, o sítio de origem, faltando-lhe, todavia, a estratigrafia correspondente, o que impede seja apontada como a mais perfeita coleção arqueológica de material coletado em Santa Catarina.

A coleção arqueológica está dependendo de novo destino a lhe ser dado.

2. — **O Museu Anita Garibaldi**, de Laguna, é, predominantemente, histórico.

Possui bom número de objetos arqueológicos, notadamente dos sambaquís da região. É lamentável que nenhum dos objetos expostos esteja correlacionado a um trabalho científico de escavação e datação das camadas, onde foram encontrados, bem como a uma análise estratigráfica ou de reconstituição cultural. É pena que os zoólitos, ali existentes, não possuam indicação de procedência.

3. — **O Museu do Homem do Sambaquí**, de propriedade dos Padres Jesuítas, é formado com a grande maioria dos materiais pertencentes, originariamente, ao sr. Carlos Berenhauer, constante em sua quasi totalidade de indústria dos sambaquís e dos demais sítios arqueológicos da Ilha de Santa Catarina.

Funciona, atualmente, no Colégio Catarinense, em Florianópolis. É arqueológico e etnográfico. É dirigido pelo Pe. João A. Rohr.

4. — **O Museu Arquidiocesano “Dom Joaquim”**, em Azambuja, Brusque, pertencente à Arquidiocese de Florianópolis, dirigido pelo Pe. Raulino Reitz.

Tem uma secção etnográfica-arqueológica, com cêrca de 500 peças, com material coletado em várias partes de Santa Catarina, notadamente do Canto Grande dos Zimbros (Pôrto Belo).

5. — **O Museu do Colégio Dehon**, de Tubarão, possui ao lado de outras coleções de estudo, uma de material etnográfico-arqueológico, coletado especialmente no sambaquí de Congonhas (Tubarão), predominantemente de material lítico, algumas peças oriundas do Sambaquí de Carniça (Laguna) e pontas-de-flechas oriundas do Município de Rio Fortuna.

Deve-se assinalar, nêste ensejo, que, na cidade de Tubarão, existem várias coleções particulares, formadas com material retirado do Sambaquí de Congonhas (como a do sr. Walter Zumblick).

6. — **O Museu do Ginásio “São João Batista”**, Campos Novos, possui uma pequena coleção etnográfica-arqueológica, de material recolhido no próprio município.

7. — **Coleção Teodoro Saade**, Mafra.

Possui um pequeno museu de curiosidades, onde se encontram peças arqueológicas. Nesta coleção encontram-se materiais coletados em sítios arqueológicos de Santa Catarina, como o Abrigo “Rückel”.

8. — **Coleção Kurt Braunsburger**, Corupá.

Junto a um museu zoológico encontram-se materiais recolhidos no município, principalmente pontas-de-flechas, machado-de-pedra, socadores (mão-de-pilão) de pedra, além de outros objetos.

9. — **Coleção Jacob Andersen**, Jaraguá do Sul.

Possuidor de uma coleção etnográfica-arqueológica, constituída de material coletado no município e áreas circunvizinhas.

Afora estas, outras menores existem no Estado.

\*

### III. — PARTE.

#### BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA DE SANTA CATARINA.

ABREU (Sílvio Fróis de...)

- 1928 — “**Sambaquis de Imbituba e Laguna**”, Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, tomo XXXI, 1.º semestre, págs. 8 a 50, com ilustrações (republicada no Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, ano II, n.º 20, págs. 1136 a 1143, e n.º 21, págs. 1298 a 1311, 1 mapa, sob o título “O problema dos sambaquis”).

- 1954 — **“Contribuição ao estudo dos sambaquís do litoral norte de Santa Catarina — II — Sambaquí do Rio Pinheiro n.º 8”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, vol. IX, Curitiba, págs. 141 a 197, 2 mapas, 3 planch, 19 des., Bibliografia.  
É um estudo sôbre uma jazida, explorada, parcialmente, pelos Autores.
- 1960 — **“Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná”**, em “Pesquisas”, Instituto Anchietano de Pesquisas, série Antropologia n.º 7, Pôrto Alegre, 51 págs., 12 planchas, bibliogr.  
Trata-se de um trabalho, onde se divulgam dados gerais sôbre os trabalhos precedentes e sôbre os objetos, quanto à sua procedência, forma, acabamento e localização atual dos zólitos. O material descrito, procede, notadamente, no que se refere à Santa Catarina, dos sambaquís da região litorânea norte (São Francisco do Sul, Araquari e Joinville) e à coleção do Colégio Catarinense (antiga coleção Berenhauser).
- BIGARELLA (João José...)** e outros
- 1949 a — **“Nota prévia sôbre a composição dos sambaquís do Paraná e Santa Catarina”**, in “Arquivos de Biologia e Tecnologia”, Curitiba, vol. IV, págs. 95 a 106, 3 tabs., 10 fotos e bibliografia.  
É o resultado do exame de 150 sambaquís dos Estados do Paraná e Santa Catarina, concluindo que “todos êstes depósitos visitados são artificiais” e identificou nêles 49 espécies de moluscos, uns com maior incidência e outros com menor.
- 1949 b — **“Contribuição ao estudo da planície sedimentar da parte norte da Ilha de Santa Catarina”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, vol. IV, Curitiba, págs. 107 a 140, 1 mapa, 2 diagr., 12 fotos, bibliogr.  
É um estudo sumário da região mencionada no título focalizando o problema dos sambaquís da área norte da Ilha, abrangendo os distritos de Canasvieiras, Cachoeira, Inglêses e Lagôa.
- 1954 a — **“Contribuição ao estudo dos sambaquís do litoral norte de Santa Catarina — I — Situação geográfica e descrição sumária”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. IX, págs. 99 a 140, 2 mapas, 23 pl., 42 diagr., bibliogr.  
Nêste trabalho são sumariados boa parte dos sambaquís existentes nos municípios de Joinville, Araquari e São Francisco do Sul.
- 1954 b — **“Contribuição ao estudo dos sambaquís do litoral norte de Santa Catarina — II — Sambaquí do Rio Pinheiros n.º 8”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. IX, págs. 141 a 197, 2 mapas, 3 pl., 19 diagr., bibliogr. Já referenciado em BIGARELLA (Iris Koehler...)
- 1954 c — **“Os sambaquís na evolução da paisagem litorânea sul-brasileira”** Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. IX, págs. 199 a 221, 3 mapas, 3 diagrs., bibliogr. e reimpres-

Focaliza a estrutura dos sambaquís, a sua distribuição no Mundo, as denominações, as correntes acêrca da sua origem e as explorações em Santa Catarina, tratando-se, assim, de importante trabalho para iniciação no problema.

- 1932 — **“A importância dos sambaquís no estudo da pré-história do Brasil”**, Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, tomo XXXV, 1.º semestre.

BACKHEUSER (Everardo...)

- 1928 — **“A faixa litorânea do Brasil meridional ontem e hoje”**, Tip. Bernard Frères, Rio de Janeiro, 210 págs., e VII ilust. Neste livro focaliza o problema dos sambaquís, optando pela corrente naturalista da sua formação e focaliza, também especificamente, alguns sambaquís de Santa Catarina.

BARATA (Frederico...)

- 1954 — **“O Homem dos sambaquís”**, Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia, ano XII, n.º 119, Rio de Janeiro, março-abril de 1954, págs. 174 a 178. É um estudo sôbre a formação dos sambaquís, discutindo o problema dos bancos naturais de conchas, geomorfologicamente: “Terraços”, da sua distribuição geográfica, e salientando a cultura lítica, dividindo-a em dois grupos: “facies arcáica” (Homem da Lagoa Santa) e “facies sulina” (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná).

BECKER (Maria da Conceição de M. C. ...) e MELLO (Denizart P. de ... Filho)

- 1963 — **“Ensaio de tipologia lítica brasileira — Nota prévia”**, Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. XIV, São Paulo, págs. 439 a 454, 7 fotografias, bibliografia. Trata-se de um estudo sôbre os machados — “os (objetos) que possuíssem uma poção bem demarcada com a finalidade específica de reter um cabo, isto é, entalhe, sulco ou ombro (êste último formado pela expansão lateral do talão)”, baseado em material amazônico, tendo daí um valor básico para os futuros estudos.

BIGARELLA (Iris Koehler...) e outros

- 1950 — **“Nota prévia sôbre a jazida paleoetnográfica de Itacoára (Joinville, Estado de Santa Catarina)”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Instituto de Pesquisas Tecnológicas, Curitiba, vol. V-VI, págs. 315 a 346, 1 mapa. É um estudo, de equipe, de uma jazida arqueológica, nas imediações da cidade de Joinville. Trata-se de um estudo metódico, apesar de fugir à moderna técnica arqueológica.

- 1953 — **“Nota sôbre anzóis de osso da jazida paleoetnográfica de Itacoára, Santa Catarina”**, Revista do Museu Paulista (Nova Série), São Paulo, vol. VII, págs. 381 a 387, 8 figs., 1 des., bibliog.

Trata, como o título indica, de uma monografia, bem delimitada, apesar de resumidíssima, sôbre os anzóis de osso.

so no Boletim Geográfico, do Conselho Nacional de Geografia, ano XX, n.º 171, novembro-dezembro de 1962, págs. 648 a 663, 3 mapas, 4 diagramas, 1 des., bibliografia.

E' um estudo de suma importância para a compreensão do problema dos sambaquís, em geral, e do panorama arqueológico catarinense, em particular, pois focaliza-o dentro da paleogeografia, de acôrdo com os seus característicos, com a sua formação malacológica, quanto à sua origem, à sua idade.

BLEYER (Dr. Jorge A. C. ...)

1912 — **Ueber die anthropophagie prähistorischer ureinwohner des hochplateau's von Santa Catharina in Brasilien**

Separata do "Proceedings" do XVIII Congresso Internacional de Americanistas, Londres, p. 50 a 53, 3 fotografias, 1 desenho. Trata de suas pesquisas no planalto de S. Joaquim, em 1908, entre 900 e 1600 metros de altitude, no local "Mato dos Índios", em cuja gruta encontrou ossos calcinados que atribui a festim antropofágico, de povo existente em período idêntico ao paleolítico-glacial na Europa. Na mesma gruta encontrou uma inscrição rupestre que reproduz.

1918-1919 — **"Contribuição para o estudo do troglodyta das cavernas no planalto do Brasil"**, (conferência realizada na Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1913, com 20 projeções luminosas), Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis, vol. VII, 4.º trimestre (1918), págs. 471 a 478, e vol. VIII, 1.º ao 4.º trimestre (1919), págs. 62 a 71. Publicação não concluída.

Inicialmente o Autor focaliza o homem fóssil americano, através dos estudos de Ameghino, Lund, Lacerda e Rodrigues Peixoto, passando, em seguida, ao estudo das calotas craneanas encontradas (duas) "em grutas situadas quasi no vértice de serras altas no planalto de Santa Catarina, numa região deserta, onde numerosos afluentes dos rios Canoas e outros têm suas fontes, que desaguam para a bacia do rio Uruguai".

1928 — **"Investigações sôbre o Homem Prehistórico no Brasil Meridional. Sôbre o canibalismo aborigene prehistórico habitante de grutas e abrigos sob rochas"**

in "Anais" do XX Congresso Internacional de Americanistas, 2.º vol., págs. 17 a 23, com 4 lâminas.

Trata-se de um estudo, como os anteriores, com base em material recolhido nas grutas de Santa Catarina, notadamente na região de São Joaquim.

BOPPRÉ (J. ...)

1933 — **"Die Sambaquis in Küstenstriche Brasiliens"**, jornal "Der Urwaldsbote", Blumenau, Santa Catarina, edição 6-1-1933. Trata dos elementos culturais que compõem os sambaquís que examinou no sul do estado de Santa Catarina.

BRYAN (Alan Lyle...)

1961 — **“Excavation of a Brazilian Shell Mound”**, em *“Science of Man”*, vol. 1, n.º 5, august 1961, Montone, California, USA, págs. 148 a 151 e 174, 3 fotografias.

Trata-se de uma nota a respeito das escavações procedidas pelo Autor, no Sambaquí do Forte (Marechal Luz), em São Francisco do Sul. Discute inicialmente, as razões da altura dos sambaquís brasileiros. Trata do valor e do significado dos objetos, utensílios e artefatos encontrados. Descreve o processamento das escavações e da coleta procedidas. Trata, ainda, da datação pelo Carbono 14, e focaliza a presença de cerâmica naquêle jazimento, pelo que estima a última ocupação do sítio entre 1500 a 3000 anos atrás. Ressalta que, além da cerâmica, foram encontrados anzóis de osso, pontas projetáveis de osso, ornamentos, bem como material lítico, com diferentes utilidades, notadamente os quebra-côcos, os machados. Trata, também, do modo de fabricação dos machados. Ao concluir afirma que seria necessário escavar outros sambaquís da área de São Francisco, para “reconstituir a História do Homem e suas relações com a mudança do habitat, que durante muitos milênios ocupou a Ilha”.

CUNHA (E. Salles...)

1963 — **“Afeções alvéolo-dentárias de população do sambaquí de Cabeçuda”**, in *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. XIV, São Paulo, p. 523 a 529, bibliografia.

Trata-se de um estudo especializado abordando as anomalias e variedades das dentições analisadas, pertencentes a indivíduos enterrados no sambaquí de Cabeçuda, Laguna, e cientificamente escavados pelo Prof. Luiz de Castro Faria (1955 b).

EMPERAIRE (Joseph...) e LAMING EMPERAIRE (Annette...)

1956 — **“Les sambaquís de la côte méridional du Brésil (Campagnes de fouilles, 1954-1956)”**, *Journal de la Société des Américanistes*, Nouvelle Série, Paris, tomo XLV, págs. 5 a 163, ilustrado.

O trabalho se inicia com um estudo geral do litoral meridional do Brasil, focalizando, particularmente, a conformação dos litorais paulistas e paranaenses, com especialidade os terrenos de mangues e sujeitos às influências de marés. Passa, a seguir, em revista os sambaquís da região, analisando, primeiramente, o termo “sambaquí”, a questão da artificialidade ou não dos mesmos, a sua exploração, e fazem, ainda, a descrição de um sambaquí, na sua estrutura interna e externa, o seu conteúdo arqueológico e estratificação. Passa, depois, a analisar a repartição dos sambaquís, no norte e no sul do País. No seguimento do trabalho trata de sambaquí da região lagunar de Santos (Maratuá), da região lagunar de Cananéia (Boguassú, Boa Vista, Aroeiras, Ostras e outros), da Baía de Guaratuba e da Ilha dos Ratos. Focaliza, em seguida, a discussão dos problemas de Antropologia,

suscitados pelos sambaquís, como a antiguidade do Homem da Lagoa Santa, características dos tipos humanos dos sambaquís e, a seguir, trata da datação, da época da sua construção e sua presumida idade. Finalmente, trata dos problemas de páleo-etnologia, como os da vida cotidiana, através do **habitat** e da sua paisagem, a caça e a pesca e a alimentação, o equipamento, seguido-se os adornos, objetos de arte (citando, aqui, os zoólitos de Santa Catarina: do Linguado, do Mórro do Ouro, do Cubatão e da Barra do Sul) e os ritos funerários. Conclui formulando três importantes perguntas: Existe uma cultura dos sambaquís mais antiga do que aquela que conhecemos os vestígios? Existem ligações entre a cultura dos sambaquís e das outras populações costeiras da América do Sul? Existem ligações entre a cultura dos sambaquís e a das antigas populações do interior do Brasil?

EVANS (Clifford...)

1964 — “**Lowland South America**”, in “Prehistoric man in the New World”, editado por Jesse D. Jennings e Edward Norbeck, William Marsh Rice University, Chicago, pp. 419 a 450, 1 mapa, bibliografia.

Abrange da América do Sul, além do Brasil que é incluído totalmente, porções costeiras das Guianas, Venezuela e Colômbia e as planícies do Paraguai, Argentina e Uruguai, que é estudada sob dois prismas: o geográfico e o do desenvolvimento cultural. Inicia o estudo pela bacia do Amazonas-Orinoco discutindo-a em quatro estágios culturais. Passa, depois, a analisar os conhecimentos arqueológicos sôbre a bacia do Paraná, onde apresenta os estágios de caça, pesca e coleta, de agricultura incipiente e de coivara da floresta tropical. No tocante à bacia do Paraná resalta os problemas da idade e cronologia dos sambaquís e da cerâmica encontrada nos sítios de origem tupí-guaraní e os estudos que os fundamentam.

FARIA (Luiz de Castro...)

1955 a — “**Sculptures en pierre des paleoamérindiens de la côte méridionale du Brésil: les zoolithes de Santa Catarina**”, Actes du IV.<sup>o</sup> Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques (CISAE), tomo II, Vienne, 1952, págs. 366 a 369, 5 figs. História e evolução do estudo dos zoomorfos, trata do material e da técnica de confecção. Focaliza o senso artístico dos autores dessas esculturas e as apresentações mais constantes: pássaros e peixes.

1955 b — “**Le problème des sambaquís du Brésil: récentes excavations du gisement de Cabeçuda (Laguna, Santa Catarina)**”, in Anais de “XXX International Congress of Americanists”, Cambridge (Inglaterra), pp. 86-91, 4 fotos, bibliogr. Inicialmente trata das várias contribuições ao melhor conhecimento dos sambaquís. Situa, a seguir, geograficamente, San-

ta Catarina, Laguna e o sambaquí de Cabeçada. Descreve, depois, a situação da exploração daquele sítio, o seu conteúdo conchífero, a área escavada cientificamente em dois períodos (14 X 10 m.) e os seus resultados. Conclui, apoiado nos estudos de geloólogos e geomorfólogos e na sua própria experiência, que os sambaquís são de formação humana e que os resultados obtidos em suas escavações induzem à necessidade de maior e melhor atenção a esta espécie de jazida arqueológica.

- 1955 c — “**A formulação do problema dos sambaquís**”, in “Anais de XXXI Congresso Internacional de Americanistas”, São Paulo (1954), pp. 569-577. O A. faz, inicialmente, uma crítica geral do problema, tratando, primeiramente, da bibliografia, sobre a qual se expressa: “A bibliografia até hoje reunida, apesar de numerosa e variada, e com numerosos dados de valor positivo deve ser considerada de um modo geral, deficiente e mal orientada”. Faz, neste sentido, formal crítica ao trabalho de WIENER, sobre os sambaquís de Santa Catarina, e explica: “Confundiu-se, desde então (1876) o problema preliminar da origem, natural ou artificial, das jazidas desse tipo, com problemas essencialmente diversos, que é o das culturas representadas nessas mesmas jazidas”. E, por fim, formula sugestões como estas: “1. — Re-exame de todas as fontes bibliográficas primárias, para aproveitamento dos dados positivos nelas dispersos e a conseqüente modificação e correção dos **históricos** até hoje publicados. 2. — Prospecção de diferentes áreas e escolha posterior, dentro de cada uma delas, das jazidas que por motivos particulares devam ser escolhidas em primeiro lugar para um estudo estratigráfico plenamente satisfatório. 3. — Planificação da pesquisa estratigráfica, de modo que a coleta de material que possa satisfazer as exigências de diferentes especialistas, ... 4. — Reunião periódica de pesquisadores com experiência pessoal de escavações arqueológicas em sambaquís de **áreas diferentes**, para confronto das suas experiências e dos resultados obtidos. 5. — Organização de coleções padrões para estudos comparativos, de todos os espécimes zoológicos encontrados nos sambaquís. Essas coleções devem abranger não apenas os elementos encontrados nos sambaquís, mas também e sempre que possível, os elementos ainda integrantes da fauna local. 6. — Coleta sistemática, de amostra de terra no nível dos fogões, para posteriores pesquisas dos elementos da flora. 7. — Elaboração periódica, com auxílio dos malacologistas, de listas atualizadas com a sinonímia das espécies de moluscos encontrados nos sambaquís, para evitar que autores desprevidos continuem a praticar a heresia de citar a mesma espécie com três ou quatro nomes diferentes”.

- 1959 a — **“O problema da proteção aos sambaquís”**, Arquivos do Museu Nacional, vol. XLIX, págs. 95 a 138, 22 fotos.  
Aborda os problemas de legislação defensiva do patrimônio arqueológico brasileiro, mas, não deixa de fornecer informações preciosas sobre as jazidas catarinenses, que teve a oportunidade de visitar, sejam do litoral de Laguna, sejam na área de Joinville.
- 1959 b — **“A arte animalista dos paleoameríndios do litoral do Brasil”**, série Antropologia, Museu Nacional, Rio de Janeiro, publicação n.º 24, 15 págs., 22 fotos, bibliografia. É uma análise de zoólitos, em número de 22, que se encontram nas coleções do Museu Nacional e de cujos exemplares afirma: — “Quase tôdas as peças da nossa coleção provêm do litoral dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, mais precisamente, das jazidas arqueológicas conhecidas como sambaquís”. Trata da matéria-prima que são fabricados (diabásio) e dá a areia fina das praias como abrasivo. Dá como oriundas de Santa Catarina uma peça da Ilha de Santana, Imbituba, e outra coletada por WIENER, sem indicação de local e, das demais, a origem não é fornecida. Analisa, em seguida, as expressões artísticas de cada um dos objetos e a sua representação plástica, filiando-os a animais existentes na área litorânea do Brasil meridional. É uma análise importante do estilo e da motivação artística dos paleoameríndios.

**GUALBERTO (Luiz...)**

- 1927 — **“Os casqueiros de Santa Catarina ou sambaquís”**, Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, tomo 96, vol. 150, (1924), págs. 287 a 304, 9 fotos.  
Além de outras informações, diz que, só em São Francisco, “nós podemos contar para mais de 150 sambaquís” e se refere ainda, ao problema antropológico físico: “parece que Santa Catarina foi mesmo em tempos antigos um ponto de convergência de povos e de raças”. Trata, também, da estação pré-histórica da Lagôa de Sanguassu, bem como das estações arqueológicas Magalhães e de Cabeçadas, na Laguna, bem como de uma existente nas margens do Rio Pirabeiraba.

**GUERRA (Antônio Teixeira)**

- 1950 a — **“Contribuição da geomorfologia ao estudo dos sambaquís”**, Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, ano III n.º 4, págs. 5 a 13, 1 fig., 1 foto.  
Faz uma análise das características dos terraços e dos sambaquís, que estudou no litoral catarinense, procurando sustentar uma diferenciação nítida em ambas as formas.
- 1950 b — **“Contribuição ao estudo da geomorfologia e do quaternário do litoral de Laguna (Santa Catarina)”**. Revista Brasileira de Geografia, ano XII, n.º 4, out.-dez., págs. 535-564, 1 mapa, 7 figs., 28 fotos, 1 tab.

É um estudo amplo sobre a geologia e morfologia do litoral, dentro do mesmo espírito do antecedente e do seguinte e, talvez, o melhor apresentado dos três.

- 1950 c — “**Apreciação sobre o valor dos sambaquís como indicadores de variações do nível dos oceanos**”. Bol. Geogr. — CNG — ano VIII, out. 1950, n.º 91, pp. 850-853.
- 1951 — “**Notas sobre alguns sambaquís e terraços do litoral de Laguna (Santa Catarina)**”, Boletim Paulista de Geografia, n.º 8, julho de 1951, págs. 3 a 18, 1 tab., 4 fig., 2 fotog. Trata-se do mesmo estudo referido na nótula anterior, mais extenso, nas suas assertivas, e mais ilustrado.

IHERING, (Hermann Von...)

- 1895 — “**A civilização pré-histórica do Brasil meridional**”, Revista do Museu Paulista, São Paulo, vol. I, págs. 34 a 159, 14 figs., bibliogr.

Aborda, em seis capítulos, vários problemas, como as relações indígenas com os brancos em Santa Catarina, a distribuição geográfica dos indígenas no século XVII, os materiais culturais que mostram a “antigüidade dos aborígenes”, como instrumentos de pedra, inscrições em rochas, sambaquís, e conclui, no quinto capítulo: houve um povo de pescadores, habitantes desde a Lagoa dos Patos até a Ilha de Santa Catarina, chamados **Patos**, pelo conteúdo dos sambaquís, vivendo de peixes do mar e de moluscos; um povo habitante das matas: os **Guarani**; e um povo habitante dos campos.

- 1903 — “**A origem dos sambaquís**”, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, vol. VIII, págs. 446 a 457.

Com este título procede os seus esclarecimentos contidos na memória “**Sobre a suposta ação do homem pré-histórico na origem dos sambaquís**”, publicada em alemão, no ano de 1898. Frisando a importância dos estudos dos sambaquís diz: “Encetar tal estudo, seria condigna tarefa de alguma corporação científica, representada por especialistas, e não só na arqueologia, como também, com o concurso do geólogo e do zoólogo, pois, que dos exploradores leigos e diletantes não há que esperar mais do que já tem sido dito e repetido”.

- 1904 — “**Arqueologia comparativa do Brasil**”, Revista do Museu Paulista, São Paulo, vol. VI, págs. 519 a 583, 3 ests., bibliogr. Estuda, inicialmente, a craneologia dos habitantes primitivos e, em seguida, os sambaquís do Brasil Meridional, formulando várias teses, como a de que a idade dos sambaquís não pode ser mais remota que o pleistoceno, que os restos humanos correspondem a dois tipos antropológicos, a cultura material deriva de um povo antigo, diferente dos tupi. Estabelece, ainda, as províncias arqueológicas do Brasil e as relações com as regiões vizinhas englobando uma província sambaquiana, compreendendo a região sul-brasileira, a

bahiana e a amazônica. As relações com as províncias arqueológicas dos territórios vizinhos são focalizadas através de elementos da cultura material encontrados nas jazidas.

IMBELLONI (José...)

1955 — “**Sôbre los constructores de sambaqui (3a. contribuição — Yacimientos de Paraná y Santa Catarina)**” — Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, págs. 965 a 997, com ilustr., 12 desenhos.

Estudo craniométrico sôbre material recolhido nos sambaquis de Santa Catarina e Paraná, existentes na col. Tiburtius.

1959 — “**Las reliquias del sambaqui**”, Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. X (1956-58), págs. 243 a 281, 5 des. Trata da análise dos estudos sôbre os sambaquis dentro de uma metodologia nova, focalizando a história retrospectiva do problema em geral, a crítica especializada e apresenta, a final, materiais inéditos. Assim, historicamente, estabelece três épocas: a de formulação, a de desconformidade e a de reação. E, conclui com um trabalho comparativo de craneologia.

KOENIGSWALD (Gustav Von...)

1905 — “**Die indianischen Muschelberge in Süd-brasilien**”, in “Globus”, — Braunschweig, ano LXXXVII, n.º 20, junho de 1905, pp. 341-347, 36 fotografias.

Primeiramente, analisa o termo “sambaqui” e a sua área mundial de expansão, a sua estrutura malacológica, a sua localização (notadamente em São Francisco e Florianópolis). Diz existirem, no litoral do Rio de Janeiro ao Uruguai “cerca de 150 sambaquis”. Refere-se, depois, às espécies de moluscos encontrados nestas jazidas, bem como aos objetos líticos nêles encontrados.

KREPLIN (H. ...) e outros (VON MARTENS, VIRCHOW)

1872 — “**Über die Muschelberg von Dona Francisca (Brasilien)**”, in “Zeitschrift für Ethnologie”, Berlin, ano IV, pp. 187-191. Analisa a área de São Francisco do sul, especialmente do rio Cachoeira, notadamente no que concerne aos moluscos e aos esqueletos encontrados nos sambaquis.

LACERDA (J. B. ...)

1885 — “**O Homem dos Sambaquis — Contribuições para a antropologia brasileira**”, Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, vol. VI (1881), págs. 175 a 204, 6 figs.

Inicialmente focaliza os sambaquis, passando, depois, ao estudo dos crâneos, “exumados dos sambaquis do sul do Brasil” (a série B era constituída de crâneos de Santa Catarina e dela diz: “Maior que a precedente (do Paraná) compõe-se esta série de 8 crâneos, pela maior parte profundamente deteriorados e incompletos. ... foram exumados, uns dos sambaquis de Magalhães, outros dos sambaquis de Laguna (!)” e conclui: “somos levados, através do tempo e do

espaço, os atuais botocudos dos antigos construtores dos sambaquís”.

LEONARDOS (Othon Henry...)

1938 — **“Concheiros naturais e sambaquís”**, avulso n.º 37, Departamento Nacional da Produção Mineral, Rio de Janeiro, 109 págs., 2 mapas, 26 fotos, 1 diagr., 7 figs., bibliogr.

Após tratar da classificação dos sambaquís, quanto à sua origem, classifica-os quanto à localização (costeiros ou marinhos, lagunares, fluviais e terrestres). Focaliza, ainda, a idade do Homem dos sambaquís (terciário ou quaternário) e a sua distribuição geográfica, estabelecendo para Santa Catarina quatro áreas: litoral de São Francisco, litoral de Itajaí, litoral de Florianópolis e litoral de Laguna.

LEPREVOST (Alsedo...) e outros

1952 — **“Sobre a ocorrência de pedras corantes e esqueletos pintados nos sambaquís dos Estados do Paraná e Santa Catarina”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia. Curitiba, vol. VII, págs. 149 a 155, ilustrado. O título do trabalho já indica o seu conteúdo.

1953 — **“Nota sobre a ocorrência de machados de pedra nos Estados do Paraná e Santa Catarina”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. VIII, págs. 503 a 554, 20 figs., bibliografia.

O trabalho em foco divide-se em “introdução” que analisa a tipologia dos machados de pedra em tôdas as latitudes e uma segunda parte onde analisa os “machados dos sambaquís”, dividindo-se em “cunhas de punho” (citando, aqui, os de Itacoára, e Areias Pequenas), “machados finos” (focalizando os de Itacoára e Pernambuco, SC), “machados retangulares”, sem entalhe (cita os do Linguado, Morro do Ouro, Itacoára) e com entalhe (enumera os de Ponta das Canas e Linguado). Numa terceira parte estuda os “machados dos planaltos”, dividindo-os em “machados finos” (de Poço Grande), “machados alongados e machados largos” (de Taió e de Bom Retiro) e machados diversos (de Taió e de Bom Retiro) e “machados diversos” semi-lunar (de Mato Preto, São Bento do Sul), com cabo e de dois gumes, machados com entalhe, machado de secção elipsoidal (colônia Garibaldi, Jaraguá do Sul). E, finalmente, focaliza as pedras de lapidar e polir.

1954 — **“Nota sobre a ocorrência de virotes, nos Estados do Paraná e Santa Catarina”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. IX, págs. 87 a 98, 5 figs., bibliogr. O presente estudo divide-se em introdução e três partes dedicadas à análise dos virotes de pedra, de osso e de madeira. Somente, na parte dedicada aos virotes de pedra é que se encontram referências aos de Santa Catarina (Itacoára, São Bento, e Corupá).

LÖFGREN (Alberto...)

1893 — “**Contribuições para a archeologia paulista — Os sambaquís de São Paulo**”, Boletim da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, n.º 9, Tip. de Vanorden & Cia., São Paulo, 91 págs. e 17 pranchas fora do texto. Aborda, primeiramente, a origem e fins dos sambaquís, salientando as duas correntes (a naturalista e a artificialista), a antigüidade e o seu valor etnológico e arqueológico.

1908 — “**Os sambaquís**”, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, vol. VIII, págs. 458 a 465.

Nêste trabalho replica o de **Von Ihering** incluindo na mesma Revista.

MAGARINOS (José...)

1933 — “**Palavras sôbre arqueologia no Brasil**”, Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, tomo XXXVII, 1.º trimestre, págs. 76 a 83.

Trata das ligações da arqueologia com a antropologia, cita as cavernas de Santa Catarina como sítios arqueológicos — em base nas afirmações do Dr. Bleyer — adota, tocante à formação dos sambaquís, a teoria “naturalista”, e detem-se, por fim, na análise de manifestações e análises bibliográficas.

MATOS (Anibal...)

1942 — “**Santa Catarina de ontem e de hoje**”, Ed. Imprensa Oficial do Estado, Florianópolis, 176 págs. (edição incompleta). No capítulo “Os habitantes primitivos de Santa Catarina”, (p. 23 a 36) trata dos sambaquís, quanto à sua etimologia, a sua formação, a sua distribuição geográfica, os estudos efetuados por Carlos Wiener e J. B. Lacerda, analisando-os e focaliza, por fim, a coleção Berenhauser, hoje no Museu do Homem do Sambaquí, em Florianópolis.

MEYER (Herrman...)

1896 — “**Muschelhügel (Sambaki) und Urnenfeld bei Laguna (Brasilien)**”, in “Globus”, Braunschwig, ano LXIX, pp. 338-340.

Após sua visita ao sambaquí do Magalhães, em Laguna, descreve-o no seu aspecto físico, no seu conteúdo, referindo-se, em especial, aos esqueletos e ao material lítico. Trata, também, de enterramentos em urnas encontradas nas dunas da região.

MUELLER (H. ...)

1896 — “**Sur les débris de cuisine (sambaquí) du Brésil**” Comptendu de la VIIème session du Congrès International des Américanistes (1888), Berlin, págs. 459 a 462.

Refere-se, com ênfase, aos sambaquís existentes no litoral sul-brasileiro.

OLIVEIRA (Beneval de...)

1944 — “**A zona litorânea do Norte Catarinense**”, Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, ano II, n.º 17, págs. 682 a 696.

Aborda, neste trabalho, a análise, entre outros fenômenos geográficos, dos sambaquís na paisagem da região, referindo-se aos de Linguado, do Pôrto do Rei, do Araquari, e do Acaraí.

- 1948 — **“Restingas no sul catarinense”**, Boletim da Secção do Rio de Janeiro, da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro, ano I, n.º 4, págs. 3 a 16.

Refere-se aos sambaquís da região de Laguna.

- 1960 — **“Geologia, Petrologia e geomorfologia da Ilha de São Francisco do Sul”**, Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano XXII, n.º 2, págs. 133 a 168, 1 mapa, 11 fotogr., bibliogr.

Há menção, no trabalho, aos sambaquís da região.

PADBERG — DRENKPOL (J. A.)

- 1933 — **“Misteriosas galerias subterraneas em Santa Catharina”**, in Boletim do Museu Nacional, vol. IX, pp. 83 a 91, 1 des. Trata da gruta do Rio dos Bugres (hoje no município de Urubici) mostrando em que consistem os desenhos rupestres nela existentes.

PUTZER (Hannfrit)

- 1957 — **“Epirogene bewegungen im quartär an der südostküste Brasiliens und das sambaqui — problem”**, in “Beihefte zum Geologischen Jahrbuch”, Hannover, pp. 149 a 201, 10 desenhos, 20 fotos, bibliografia.

Estuda a geologia do fim do terciário ao quaternário, mostrando que houve submersão da costa, ligando ao problema da posição dos sambaquís, em sua altura do nível atual do mar, o que em relação à construção sobre a geração mais antiga de dunas, supõe um clima menos úmido (transporte eólico) que o do Pleistoceno, o que parece determinar serem mais antigos aqueles que hoje estão mais distantes do mar e das lagoas atuais! — Trata dos sambaquís e a sua relação com a pesca de espécies hoje não mais existentes em lagoas, como a miraguaia. Trata, ainda, do tipo físico — e a sua possibilidade primitiva e, por fim, da questão de antiguidade — pelo acúmulo de moluscos: alguns mil anos de habitação para 50 m. de altura, e a necessidade de datação, pelo C. 14.

PIMIENTA (Jean...)

- 1958 — **“A faixa costeira meridional de Santa Catarina”**, Boletim n.º 176, da Divisão de Geologia e Mineralogia do DNPM, Rio de Janeiro, 104 págs., XV estampas, bibliografia. Depois de analisar os aspectos gerais da evolução geológica, os aspectos da transgressão e da regressão marinhas, a granulometria das areias litorâneas, enfoca a evolução da região de Laguna, com as suas planícies de restingas, o delta do rio Tubarão, a evolução das dunas, por fim, os sambaquís. Trata deles no tocante à sua constituição, e à sua posição dentro do panorama geomorfológico, em dois parágrafos sim-

ples. Assinala, na estampa XI, os do Mirim, Perrixil, Cabeçuda, Carniça e Cabo de Santa Marta Pequena.

RATH (Carlos José Frederico...)

- 1871 — “**Notícia etnológica sôbre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu interior, antes do dilúvio universal**”, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, vol. XXXIV, parte I, págs. 287 a 292.  
Distingue os sambaquís quanto ao feitio, ao material e à construção e afirma serem de três tipos: montes compostos exclusivamente de cascas de ostras; montes de cascas de berbigão: montes feitos pela natureza (camadas horizontais que acompanham o declive do terreno).

RIBEIRO (Antônio J. ...)

- 1944 — “**Sambaquís**”, Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, ano II, n.º 15, págs. 310 e 311.  
E’ um estudo que trata das teorias sôbre a sua formação, os traços culturais nêles contidos e a sua distribuição, afirmando ser o sambaquí de Cabeçuda (Laguna)” o maior e o mais importante do nosso país”.

RODRIGUES DA COSTA (Francisco Izidoro...)

- 1911-1912 — “**Estudos arqueológicos — Os sambaquís no sul de Santa Catarina**”, (1880), Revista Catarinense, Laguna, vol. I, págs. 47 e 48, 73 e 74, e 212 a 214.  
Depois de analisar o problema genérico dos sambaquís e a sua difusão do Mundo, trata da sua distribuição nos arredores da cidade de Laguna, de Mirim, Vila Nova e Pescaria Brava, bem como dos achados realizados em diversas épocas pelos Dr. Francisco José de Freitas, Dr. Carlos Fred. Hartt (1876), Conde de La Hure (1864), êste último na região de São Francisco.

RODRIGUES PEIXOTO (J. ...)

- 1885 — “**Novos estudos craniológicos sôbre os Botocudos**”, Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, vol. VI (1881), págs. 205 a 256, 24 figs., 2 tab.  
E’ um estudo de trinta crâneos, dos quais dois de Santa Catarina — os de n.º VIII e XI.

ROHR (Pe. João Alfredo... SJ)

- 1950 — “**Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina**”, ed. da Imprensa Oficial do Estado (Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense, 1948), Florianópolis, 120 págs., 13 fotos.  
Faz uma introdução sôbre o Homem da Pré-História, o indígena da Descoberta, os sambaquís, as inscrições rupestres e focaliza, a seguir, e, principalmente, o material etnológico existente no Colégio Catarinense (Florianópolis), oriundo, em grande parte da Coleção Berenhauer.

- 1959 — **“Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina”**, Revista Pesquisas, Instituto Anchietao de Pesquisas, Pôrto Alegre, n.º 3, págs. 199 a 265, 1 mapa, 1 tabela, 2 des., 6 fotos.  
Trata da jazida arqueológica da Base Aérea de Florianópolis (Caiacanga-mirim), bem como do material ali coletado.
- 1960 — **“Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina — n.º II — 1959”**, Revista Pesquisas, Instituto Anchietao de Pesquisas, Pôrto Alegre, Série Antropologia n.º 8, 32 págs., 1 mapa, 5 des., 6 fotos.  
Trata de várias jazidas arqueológicas que identificou em Santa Catarina.
- 1961 a — **“Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina — n.º III — Ano de 1960”**, Revista Pesquisas, Instituto Anchietao de Pesquisas, Pôrto Alegre, Série Antropologia n.º 12, 32 págs., 2 mapas, 9 des., 1 foto. Aborda, também, várias jazidas arqueológicas que identificou na Ilha de Santa Catarina e na região de São Francisco do Sul.
- 1961 b — **“Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina e sambaquis do litoral sulcatarinense- n.º IV (1961)”**, Pesquisas, Pôrto Alegre, Antropologia n.º 14, 20 págs., 6 des., 4 fotos.  
Aborda a escavação que realizou no sambaquí da Praia Grande (também conhecida como Praia do Moçambique), na Ilha de Santa Catarina, além de visitas efetuadas às jazidas arqueológicas do sul-catarinense.

SCHADEN (Egon...) e WILLEMS (Emílio...)

- 1951 — **“On Sambaquí Skulls”**, in Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. V, São Paulo, 1951, págs., 141 a 182, 6 tab., bibliogr.  
Inicialmente procedem uma introdução sôbre os sambaquis brasileiros. Historia, a seguir, a sua composição malacológica, os trabalhos pioneiros, a sua composição cultural. A segunda parte do trabalho analisa 38 esqueletos de sambaquis, sob o aspecto antropológico-físico, iniciando com um histórico dos estudos pioneiros, neste sentido. A análise antropológica-física refere-se ao “calvarium”, à face, às relações entre o “calvarium” e a face, a grossura dos ossos, a associação dos traços entre os esqueletos examinados. A terceira parte do estudo envolve uma comparação entre o Homem do Sambaquí e o Homem da Lagoa Santa e, a seguir, entre o Homem do Sambaquí e o Botocudo. Encerra êste trabalho, que é importantíssimo, no tocante ao estudo dos sambaquis, uma extensa e exaustiva bibliografia.

SCHMITZ (Inácio... SJ)

- 1957 — **“Um paradeiro guaraní no Alto Uruguai”**, in “Pesquisas”, Instituto Anchietao, ano I, pp. 122-142, 4 fotos, 1 fig., bibliogr.

Trata-se de um estudo de um sítio cerâmico pesquisado pelo A., em sede Capela, no município de Itapiranga, no alto curso do rio Uruguai. Contém valiosas informações sobre as diferenças na decoração da cerâmica guaraní.

- 1959 — “**A cerâmica guaraní da Ilha de Santa Catarina**”, Revista Pesquisas, Instituto Anchieta de Pesquisas, Pôrto Alegre, n.º 3, págs. 267 a 324, 2 figs., XVI planchas, bibliogr. O título indica o seu conteúdo, que é de valor para estudos sobre a cerâmica arqueológica brasileira.

SERRANO (Antônio...)

- 1937 — “**Subsídios para a arqueologia do Brasil Meridional**”, Revista do Arquivo Municipal, ano III, vol. XXXVI, junho de 1937, pp. 3 a 42, 14 figuras, 30 fotografias e 1 mapa.

Trata, inicialmente, dos sítios arqueológicos de Tôrres e do material ali recolhido, zoólitos, litos zoomórficos, perfuradores, machados, bem como material cerâmico.

Traça — o que é importante nos estudos tipológicos — um quadro de classificação dos cachimbos indígenas.

Defende, a seguir, a distribuição da carta arqueológica do Rio Grande do Sul, por áreas culturais: guaianá (p. 38: “esta cultura não é exclusiva do território rio-grandense, mas se estende por quase todo Santa Catarina, Paraná e possivelmente pelo território das Missões) e caracteriza-a “pela presença de a arqueologia do Brasil — Meridional com as culturas andinas, e afirma (p. 40): “as culturas andinas desenvolvidas desde San Juan, em território argentino, até o Equador, possuem elementos que são constantes e característicos na cultura dos sambaquís”: pulverizadores de narcóticos (zoólitos em formas de peixes e aves), e “machado circular perfurado”.

Nas ilustrações apresenta um zoólito encontrado na Lagoa de Caverá (sul do Estado de Santa Catarina).

- 1940 — “**Los sambaquís y otros ensayos de arqueologia brasileña**”, Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia, Pôrto Alegre, 2.º vol., págs. 327 a 441, 27 figs., 55 fotos, 1 mapa, 1 diagr. bibliogr.

Trata preliminarmente, das investigações realizadas no Brasil, de 1936 a 1937. Focaliza, em seguida, os sambaquís, em suas definições e nomenclatura, o conhecimento histórico dos mesmos, a antigüidade que lhes é atribuída, estabelecendo a “fase dos sambaquís”, relacionada com a regressão marinha e cultura inferior, a “fase das civilizações extintas” e a “fase protohistórica”. Estuda a distribuição em sambaquís marinhos e fluviais, e, por fim, as manifestações culturais, estabelecendo, neste sentido, o “facie meridional”. Finaliza com o estudo do “Homem dos Sambaquís”.

- 1946 — “**The sambaqui of the Brazilian coast**”, in “Handbook of South American Indians”, vol. I, Smithsonian Institution, Washington, págs. 401-407, 1 mapa, bibliografia.

Depois de tratar da origem dos sambaquís, a sua morfologia, a sua antigüidade e as culturas e raças dos seus construtores, onde focaliza as quatro fases encontradas nos sambaquís brasileiros, com as suas características.

SILVA (Fernando Altenfelder...)

1963 — **“Considerações sôbre a arqueologia brasileira”**, in Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. XIV, São Paulo, págs. 431 a 438, bibliografia.

Trata da situação geral dos estudos; dividindo-os em quatro áreas de interesse: Marajó, Santarém, Lagoa Santa e Sambaquís e comenta os problemas gerais que enfrenta: falta de um glossário arqueológico, para todo o Brasil; falta de levantamentos sistemáticos de áreas arqueológicas; necessidade de intensificação do intercâmbio de informação sôbre o andamento de pesquisas; necessidade da realização de um seminário de arqueologia, para discussão dos problemas metodológicos da arqueologia brasileira, sua problemática e as possíveis interpretações dos dados coligidos; e, por fim, a falta de melhor intercâmbio com outros centros de arqueologia e pré-história da América e da Europa.

SILVA (Fernando Altenfelder...) e MEGGERS (Betty J. ...)

1963 — **“Cultural development in Brazil”**, in “Aboriginal cultural development in Latin America”, (editado por Betty J. Meggers e Clifford Evans), Smithsonian Miscellaneous Collections, vol. 146, n.º 1, Washington, pp. 119-129, 1 mapa, 1 quadro, bibliografia.

Analisa-se neste trabalho, inicialmente, as feições geográficas do Brasil, passando, depois, à arqueologia da Bacia Amazônica, nos seus problemas e no seu estado atual, da mesma forma o são o Brasil central e sul. No tocante ao Brasil meridional referem-se aos problemas que mais têm sido discutido: a idade e a cronologia da cultura dos sambaquís e a cerâmica encontrada de origem tupí-guaraní. Historiam, depois, os trabalhos efetuados neste sentido. Tratam, em seguida, da tradição cerâmica da Ilha de Santa Catarina e de Joinville (Itacoara). Finalizam com uma tentativa de seqüência cultural:

1. — antigo horizonte pré-cerâmico;
2. — segundo horizonte pré-cerâmico;
3. — terceiro horizonte pré-cerâmico;
4. — antigo horizonte cerâmico;
5. — recente horizonte cerâmico; e,
6. — horizonte do contato europeu.

SOBANSKI (A. ...) e outros

1954 — **“Contribuição ao estudo dos sambaquís do litoral norte de Santa Catarina — I — Situação geográfica e descrição sumária”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. IX, págs. 99 a 140. Trabalho já referido em Bigarella (J.J.).

STEINEN (KARL von den...)

- 1887 — **“Sambaquí — Untersuchungen in der Provinz Sta. Catarina”**, in **“Zeitschrift für Ethnologie”**, Berlin, ano XIX, pp. 445-450, 2 desenhos.

Analisa, preliminarmente a, situação, no litoral de Santa Catarina, dos sambaquís, e em seguida, citando aquêles que visitou, como em Laguna: Magalhães, Fidelis (?), Roseta, Cabeçuda, Caputera, Carniça, Santa Marta Pequena, Laranjal, no Destêrro (hoje Florianópolis): Estreito — atualmente arrasado — Cristovão (Tijuquinhas) (?) e Armação da Piedade; em Itajaí: Luiz Alves; e, em Joinville, São Francisco: Fettbach (?), Krelling (?), Schröders Goldberg (?) e Miranda. Trata dos moluscos nêles encontrados, dos esqueletos, bem como registra a versão de “origem diluviana dos sambaquís”, relatada pelo povo.

TIBURTIUS (Guilherme...) e outros

- 1950 — **“Nota prévia sôbre a jazida paleoetnográfica de Itacoara (Joinville), Estado de Santa Catarina”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. V-VI, págs. 315 a 347, ilustrado. Já referido em Bigarella (I.K.).
- 1952 — **“Sôbre a ocorrência de pedras corantes e esqueletos pintados nos sambaquís dos Estados do Paraná e Santa Catarina”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. VII, págs. 149 a 155, ilustrado. Referido em Leprovost (A.).
- 1953 a — **“Nota sôbre os anzóis de osso da jazida paleoetnográfica de Itacoára, Santa Catarina”**, Revista do Museu Paulista (Nova Série), São Paulo, vol. VII, págs. 381 a 387. Ilustrado. Referido em Bigarella (I.K.).
- 1953 b — **“Nota sôbre a ocorrência de machados de pedra nos Estados do Paraná e Santa Catarina”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. VIII, págs. 503 a 554. Ilustrado. Referido em Leprovost (A.).
- 1954 a — **“Nota sôbre a ocorrência de virotos, nos Estados do Paraná e Santa Catarina”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. IX, págs. 87 a 98, 5 fig., bibliogr. Referido em Leprovost (A.).
- 1954 b — **“Contribuição ao estudo dos sambaquís do litoral norte de Santa Catarina” — I — Situação geográfica e descrição sumária**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. IX, págs. 99 a 140. Referido em Bigarella (J.J.).
- 1954 c — **“Contribuição ao estudo dos sambaquís do litoral norte de Santa Catarina — II — Sambaquí do Rio Pinheiros n.º 8”**, Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, vol. IX, págs. 141 a 197, ilustrado. Referido em Bigarella (I.K.).
- 1960 a — **“Schmuckgegenstände aus den muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Sübrasilien”**, em **“Pesquisas”**, Instituto Anchieta de Pesquisa, Pôrto Alegre, Série Antropologia n.º 6, 61 págs., 2 fotos, bibliogr.

E' um estudo dos objetos de adorno, encontrados em sambaquís, tratando em especial, do material utilizado, desde a bula timpânica de baleia, passando pelos demais tipos de ossos empregados, e, a seguir, focalizando os objetos confeccionados em conchas e outros tipos de pedras. E, assim, fica focalizado o problema em geral da descrição do material arqueológico.

1960 b — **“Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná”**, em “Pesquisas”, Instituto Anchietano de Pesquisas, Pôrto Alegre, série Antropologia n.º 7, 51 págs., ilustrado. Referido em Bigarella (I.K.).

1961 — **“Wildschweinhauer als werkgeräte aus den Muschelbaufen von Paraná und Santa Catarina, Sübrasílien”**, Revista Pesquisas, Instituto Anchietano de Pesquisas, Pôrto Alegre, série Antropologia n.º 11, 28 págs., 5 figs., bibliogr. Focaliza os dentes de porco-do-mato como instrumentos, através de 288 peças, comprovando o seu valor como documentação arqueológica, encontrada em todos os sambaquís que pesquisou e devido à adaptação da forma e à sua eficiência natural divide-os em cinco categorias.

WIENER (Carlos...)

1876 — **“Estudos sôbre os sambaquís do sul do Brasil”**, Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, vol. I, págs. 1 a 20, 2 figs.

Êste trabalho pioneiro, inicialmente focaliza a situação topográfica, a forma e as dimensões dos sambaquís, abarcando “algumas observações sôbre os terrenos em que se acham os sambaquís” e “situação topográfica dos sambaquís relativamente à costa atual e os terrenos adjacentes”, referindo-se, ali, à posição dos sambaquís de Sanhassu, da Armação da Piedade, de Pôrto Belo, do Rio Tavares, do Rio Cachoeira, de Canasvieira, do rio Baú e do Luiz Alves, passando, ainda, a classificar quanto à forma e às dimensões, em três categorias: 1) muito extensos e poucos elevados; 2) em forma de colina, irregular, isolada, apoiando-se em montanhas ou rochedos; 3) de forma, mais ou menos regular, “de pão-de-açúcar”. Analisa, em seguida, os materiais de que se compõem, a disposição interior (êstes classificados em três: 1) com camadas irregulares; 2) com túmulos; e 3) sem divisão interior. E, por fim, breve descrição dos objetos colhidos. Nessa expedição de estudos, realizada em 1875, pela primeira vez, o Museu Nacional, o seu patrocinador, preocupou-se com a questão dos sambaquís.

WILLEMS (Emílio...)

1953 — **“Brasil-Período indígena”**, col. “Programa de História da América”, Comisión de História, Instituto Panamericano de Geografia e História, México, 110 págs.

Trata do problema das pesquisas arqueológicas no Brasil e situa-as, na “Introdução”, e, em seguida, focaliza os sambaquís, as cavernas de Minas Gerais e Bacia Amazônica.

Levanta (pp. 16 a 26) os problemas suscitados pelos sambaquís: controvérsia sobre a sua origem, idade — antigos e recentes, afastamento da costa, a “cultura do sambaquí”, considerando a investigação “esporádica e inadequada sob todos os pontos de vista”. E, indaga: Os sambaquís foram formados por habitantes temporários ou permanentes? Donde vieram e que cultura ou culturas representaram? Há qualquer relação cultural ou racial com grupos indígenas contemporâneos? A formação dos sambaquís deu-se em tempos pré-colombianos ou históricos? E, neste particular, conclui: “Um dos problemas mais difíceis quanto à arqueologia dos sambaquís se relaciona, sem dúvida, com a origem das peças zoolíticas, pois o seu acabamento contrasta fortemente com o resto do material lítico encontrado”.

No que tange às cavernas de Minas Gerais diz que “das mil ou mais cavernas de Minas Gerais somente uma pequena parte foi investigada sistematicamente”, e acrescenta “mas o material recolhido é insuficiente para permitir generalizações válidas”.

Estuda depois a Arqueologia da Bacia Amazônica, com as suas sub-áreas e as características culturais de cada uma. E encerra tão útil opúsculo com a apresentação das áreas culturais e das culturas indígenas do Brasil.

\*  
\* \*

#### INTERVENÇÕES.

**Da Profa. Maria Regina Cunha Rodrigues Simões de Paula**  
(F.F.C.L. da U.S.P.).

Solicita informações se, na pesquisa cujos resultados são apresentados, o Autor valeu-se de fontes manuscritas existentes no Serviço de Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Santa Catarina, onde teve a oportunidade de admirar o trabalho que está sendo realizado por D. Hermesília Gualberto?

\*

Considerações gerais do **Prof. Eduardo d'Oliveira França**  
(F.F.C.L. da U.S.P.) sobre as comunicações feitas na tarde do dia 5 de novembro.

Diz que nessa sessão se tratou de documentos. Eles existem e estão sendo arrolados pelos pesquisadores: quando se publicarem êstes elencos, os historiadores serão ajudados por êles. Isto é motivo de satisfação, tanto maior quanto podemos registrar estréias de jovens pesquisadores que se iniciam num sentido de convivência com as fontes. E, o que é mais sério, com o sofrimento de ver os códices maltratados, saber dos que se perderam, dos que foram mutilados. E' uma tomada de consciência dolorosa, mas fecunda.

Há duas observações que deseja fazer. A primeira diz respeito à comunicação de Branca Ribeiro. Coletar depoimentos individuais é algo de importante: o historiador de amanhã louvará tudo o que se fizer nesse sentido. Um dos males da História do Brasil, uma das razões de sua esterilidade, é precisamente a falta da presença do humano e da sua pureza de motivação emocional. Temos que superar as limitações de uma história feita quase que exclusivamente baseada em documentação oficial. A memória dos homens que viveram precisa ser chamada a nutrir o trabalho do historiador: mergulhem na vida dos que viveram, e esta vida não está nos arquivos oficiais. Busquemos onde ela estiver.

Nesta linha, sugere uma crítica. "Fontes Primárias". Sim. Várias comunicações — tôdas com reais contribuições. Mas saibamos que não são apenas os códices dos arquivos oficiais, das igrejas, de instituições e emprêsas. Os homens têm outras formas de resguardar o passado que não apenas a palavra escrita. Tudo é testemunho: a casa, os túmulos, o móvel, os objetos de uso comum. Aquilo de que há pouco falava o Pe. Laga lembrando as obras de arte. O Serviço do Patrimônio tem protegido muita coisa, mas não tudo: o que é pequeno e menos significativo tem que escapar. Ora, essas cousas são importantes, são fontes primárias, são fontes que temos de começar a usá-las para iniciar nossa História de vida, de sensibilidade, de beleza.

A propósito da comunicação da Profa. Josefina Chaia deseja cumprimentá-la pelo enorme levantamento realizado. Contribuição valiosa de busca e organização. A observar-se: a lei é apenas a realidade jurídica e testemunho da existência de certos problemas e de idéias do tempo. A realidade da história vivida ultrapassa de muito a esfera das leis, mormente num país em que elas são muitas vêzes apenas o excitante para se fazer o contrário.

Uma última observação. A leitura dos elencos documentais apresentados pela Profa. Maria Regina Cunha Rodrigues Simões de Paula em relação ao Arquivo da Cúria, as comunicações sobre as fontes primárias de Congonhas do Campo ou sobre Taubaté, nos dá uma sensação de tristeza: quase tudo é incompleto, mesmo em se tratando de datas relativamente recentes, do século XVIII em diante. Do passado mais remoto, quase tudo está perdido. Quase tudo sem séries contínuas para as nossas estatísticas. Muita coisa condenada ao silêncio. Pensemos em nossa responsabilidade para que as perdas cessem. Leis de proteção? Não as temos em número suficiente e as que existem são ineficazes. O problema é de educação da mentalidade.

\*  
\*   \*  
\*

RESPOSTA DO PROF. WALTER F. PIAZZA.

**À Profa. Maria Regina Cunha Rodrigues Simões de Paula.**

Declara que houve colaboração de seus alunos no seu trabalho na análise topológica na análise tipológica.